

LITERÁRIA E NOTICIOSA: REPRESENTAÇÕES DE LAZER NA REVISTA BELLO HORIZONTE (1930)

Letícia Silva Azevedo¹

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

RESUMO: O presente artigo desenvolve uma análise a respeito das representações de lazer construídas pela revista Bello Horizonte. Em suas páginas, estão os hábitos, feitos e preferências das elites que diziam de uma capital em ascensão, tanto econômica, quanto socialmente. A discussão se desenvolveu a partir da seleção de algumas capas, crônicas e anúncios, observando quais são e como são as representações de lazer que o periódico construiu. A análise mostrou que tais representações são atravessadas por marcadores sociais como gênero, raça e classe, construindo cenários e possibilidades de lazer que diferem em razão dos sujeitos e seus lugares na nova capital mineira. Tal revista é compreendida como um agente do seu tempo, uma vez que ao construir representações sobre esporte, cinema, praia, barraquinhas e bares produziu sentidos sobre a cidade, a partir do convite e celebração de algumas práticas, bem como questionando e desaconselhando outras, ou seja, prescrevendo modos de vivê-la, sinalizando as mudanças, mobilizando tradições e pressionando por transformações.

Palavras-chave: História do Lazer. Gênero. Imprensa Escrita. Belo Horizonte.

LITERARY AND NEWS: REPRESENTATIONS OF LEISURE IN BELLO HORIZONTE MAGAZINE

ABSTRACT: This article analyzes the representations of leisure constructed by the magazine Bello Horizonte. Its pages reveal the habits, achievements, and preferences of the elites who spoke of a capital city on the rise, both economically and socially. The discussion developed from the selection of some covers, chronicles, and advertisements, observing what the periodical's representations of leisure are and how they are constructed. The analysis showed that these representations are traversed by social markers such as gender, race, and class, constructing scenarios and possibilities for leisure that differ according to the subjects and their places in the new capital of Minas Gerais. This magazine is understood as an agent of its time, since by constructing representations of sports, cinema, beaches, stalls, and bars, it produced meanings about the city, through the invitation and celebration of some practices, as well as questioning and discouraging others; that is, prescribing ways of experiencing it, signaling changes, mobilizing traditions, and pressing for transformations.

Keywords: History of Leisure. Gender. Written Press. Belo Horizonte.

LITERARIA Y NOTICIA: REPRESENTACIONES DEL OCIO EN LA REVISTA BELLO HORIZONTE

RESUMEN: Este artículo analiza las representaciones del ocio construídas por la revista Bello Horizonte. Sus páginas revelan los hábitos, logros y preferencias de las élites que hablaban de una capital en auge, tanto económico como social. La discusión se desarrolló a partir de la selección de portadas, crónicas y anuncios, observando cuáles son las representaciones del ocio

¹Doutoranda e mestra em Estudos do Lazer (UFMG), graduada em História (PUC Minas). Integrante do Grupo de Pesquisa DIVERTE - Laboratório de História do Lazer e do Esporte (UFMG). Email: leticiadogs2011@hotmail.com

en la revista y cómo se construyen. El análisis mostró que estas representaciones están atravesadas por marcadores sociales como género, raza y clase, construyendo escenarios y posibilidades de ocio que difieren según los sujetos y sus lugares en la nueva capital de Minas Gerais. Esta revista se entiende como un agente de su tiempo, ya que al construir representaciones de deportes, cine, playas, puestos y bares, produjo significados sobre la ciudad, mediante la invitación y celebración de algunas prácticas, así como cuestionando y desalentando otras; es decir, prescribiendo maneras de experimentarla, señalando cambios, movilizandotradiciones e impulsando transformaciones.

Palabras-clave: Historia del Ocio. Género. Prensa Escrita. Belo Horizonte.

Introdução

No dia 05 de outubro de 1948, os principais jornais da cidade de Belo Horizonte noticiaram a morte de um conhecido jornalista à época: Augusto Siqueira. O Estado de Minas lamentou dizendo: “Despertou sincera magoa no seio da sociedade belo-horizontina o falecimento, ocorrido ontem, do jornalista Augusto Siqueira, fundador e director proprietario da revista ‘Bello Horizonte’.”² O jornal oficial do estado, o Minas Geraes, também deu a notícia com pesar: “A cidade recebeu, ontem, com enorme pesar a noticia do falecimento do jornalista Augusto Siqueira, diretor da revista Bello Horizonte.”³ Nas notícias também havia descrições de sua personalidade: “Seu genio invariavelmente alegre, seu cavalheirismo e bondade natural com que, sem distinção, acolhia os que dêle se aproximassem o tornaram extremamente querido em nosso meio.”⁴ O jornal Diário da Tarde destacou: “E’ um pedaço de Belo Horizonte que se vai com a morte de Augusto Siqueira. Ele era, inconfundivelmente, uma figura da cidade. Mais ainda: parecia uma peça, um membro, um órgão da cidade.”⁵

O jornalista em questão é Augusto Siqueira, proprietário, fundador e diretor da revista “Bello Horizonte: literária e noticiosa”, fundada em 1933. Siqueira foi uma espécie de “herói”, pois em um cenário periodístico extremamente difuso, como o era da cidade de Belo Horizonte, ele conseguiu manter sua revista por 15 anos, fundando-a em 1933 e tendo sua atuação interrompida em 1948 em razão do seu falecimento. Após a morte do diretor-fundador, o periódico foi continuado até 1953, sob direção de Miguel Chalup e Edson Bonifácio Costa. (Costa, 2022). Siqueira era admirado pela particular longevidade de sua revista em uma cidade cujos empreendimentos periodísticos eram frequentemente abolidos em semanas ou meses.

É importante marcar que a longevidade de tal periódico é particular para o contexto da década de 1930. Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006) destacaram que a imprensa

² ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 05.

⁴ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 04.

⁵ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

sob o governo de Getúlio Vargas sofreu duras represálias, de modo que aqueles que seguiram por linha divergente do projeto de governo da nova ordem, tiveram seus jornais e afins fechados e duramente combatidos; e, em contrapartida, aqueles que sustentaram publicações que concordavam ou mesmo não discordavam da nova ordem, tiveram sua atuação preservada. A revista em análise fez parte desse segundo grupo. Tal revista de tons governistas, foi uma publicação semanal e posteriormente mensal que se dedicou a noticiar os círculos culturais e políticos da nova capital republicana.

O artigo que aqui se segue discute as representações de lazer veiculadas por essa revista. O texto ainda visa discutir tal revista em sua potencialidade como fonte para os estudos que se ocupam da história da cidade de Belo Horizonte, sobretudo para aqueles que pensam tal cidade a partir das suas práticas de lazer, apesar da referida revista também ser capaz de servir a outras e diversas investigações.

Ao longo de todo texto farei uso da palavra lazer, compreendendo-a como uma categoria analítica. Compactuo com a compreensão de lazer de Christiane Gomes (2014), a qual não o considera como antítese do trabalho ou o situa como produto das sociedades urbano industriais - Belo Horizonte ainda estava se constituindo como tal e tais práticas de lazer não foram encontradas necessariamente associadas às atividade laborais dos sujeitos - mas componente “da complexa trama histórico-social própria de cada realidade e representa um dos fios tecidos, culturalmente, na rede humana de significados, símbolos e significações.” (p. 12). Na fonte analisada as práticas socioculturais encontradas - o cinema, as barraquinhas, a praia, o footing, a natação e os bares - são compreendidas como lazer, pois são práticas experienciadas na ludicidade e que permitem o desfrute sociocultural do cotidiano. (Gomes, 2014). Assim, não me restrinjo às terminologias encontradas na fonte porque, como apontou Flávia Santos (2019), a inexistência do termo não é suficiente para negar o fato social.

Assim, enquanto parte da rede humana de signos e significados, o lazer, além de prática vivenciada, é representada. A preocupação em compreender as estratégias e disputas em torno das representações da realidade social constitui o interesse de estudo da história cultural. O presente artigo se localiza nesse campo da historiografia e se vale das contribuições de Roger Chartier (1991). O autor mobiliza as representações como um instrumento conceitual da análise cultural com vistas à “(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 1991, p. 17). Dessa forma, o presente texto não se compromete em responder quais eram as práticas de lazer na cidade de Belo Horizonte na década de 1930, mas sim quais, sobretudo como, eram representadas na mencionada revista.

Tal revista é compreendida na dita imprensa escrita, a qual, em seu trato editorial, seleciona, hierarquiza, bem como silencia, fatos da experiência cotidiana, que são alçados à condição de acontecimento a partir de recursos discursivos e estéticos que dizem das intencionalidades e relevâncias dos fatos sociais e do próprio periódico. Para Patrick Charaudeau (2019) a mídia, se for um espelho, só é possível que seja daquele tipo que se encontra nos parques de diversão que apresentam imagens deformantes, difusas e de variadas perspectivas, “(...) e que, mesmo deformado, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo.” (p. 20). Portanto, os textos da revista não se limitam aos signos linguísticos, mas se amplia para os sistemas de valores, os quais comandam os signos. As inscrições da imprensa a respeito do lazer dizem, então, dos sistemas de valores de dada época e lugar. O lazer, esse componente da vida cotidiana também é revertido em acontecimento pelo trabalho da imprensa que ora o incentiva e ora o rechaça nas descrições, análises e opiniões daqueles que escreveram sobre como as pessoas se divertiam, ou deveriam se divertir, o que revelam as formas de organização e os limites materiais e morais que implicam na fruição ou não de determinadas experiências e concepções de lazer.

A imprensa como fonte é uma constante na maioria dos trabalhos que se dedicaram à história do lazer e do esporte na capital mineira. Para citar alguns, Marilita Rodrigues (2006) utilizou jornais e revistas, bem como fotografias, literatura e outros documentos, para entender como o esporte se enraizou em Belo Horizonte em seus primeiros anos de existência como uma possibilidade de lazer. Kellen Vilhena (2008) se dedicou especificamente ao discurso da imprensa sobre o lazer, para tanto, cortejou uma longa lista de jornais da difusa e dificultosa imprensa belo-horizontina nas primeiras décadas da cidade, preocupando-se com as concepções e valores que estavam associados às possibilidades de lazer que eram representadas nos jornais. Fernanda Viana (2024) buscou compreender os divertimentos femininos no Parque Municipal de Belo Horizonte a partir dos jornais, construindo seu banco de dados com buscas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Para este texto interessa pensar em um tipo singular dentre os periódicos: as revistas. A discussão do lazer a partir das revistas já foi uma empreitada realizada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; ao menos em dois trabalhos que discutiram a cidade de Belo Horizonte na primeira metade do século XX. A dissertação de Andreza Mota (2018) analisou a revista “Semana Ilustrada”, discutindo as representações do que seria a desejada modernidade a partir dos registros das diversões que tal periódico construiu e circulou; a tese de Gelka Barros (2018) se concentrou nas décadas de 1930 e 1940 analisando as mudanças na cidade e na sociabilidade

dos cidadãos a partir das construções e estratégias discursivas da revista *Alterosa*. Um terceiro trabalho que se debruçou sobre a história da cidade de Belo Horizonte a partir das vitrines urbanas que as revistas criam foi a minha dissertação⁶, a qual se preocupou em analisar as representações de lazer e gênero veiculadas pela revista *Bello Horizonte* na década de 1930, entendendo que além das práticas de lazer serem potentes lentes de análise de um espaço-tempo, são experiências generificadas (Scott, 1995), ou seja, são vividas e representadas diferentemente para homens e mulheres.

O artigo aqui desenvolvido advém desta dissertação, contudo, não como um resumo, mas sim dando continuidade com outras possibilidades de análise. Com isso, quero marcar a potencialidade de tal material para a história de Belo Horizonte, de forma particular para aqueles que se dedicam à história do lazer. Em seus quase 200 números publicados, que estão integralmente disponíveis para consulta no Arquivo Público Mineiro, a revista serviu e continua servindo às pesquisas que se dedicam à cidade de Belo Horizonte. Tal material foi utilizado por mim como fonte principal, mas fez parte do corpus documental de diferentes pesquisas, como a de Marcelo Cedro (2019) que discutiu a construção e a presença do lazer em Belo Horizonte na década de 1940 focalizando a Pampulha; Leide Cota (2016) consultou as páginas dessa revista em busca de informações sobre a sociabilidade radiofônica; Sarah Mayor Soutto (2017) se dedicou a entender o futebol belo-horizontino em seu amadorismo e profissionalismo e, dentre as dezenas de periódicos consultados, também estava lhe servindo a revista *Bello Horizonte*; a revista foi mobilizada, para além de fonte, como objeto de estudo na dissertação de Yasmine Costa (2022) que se dedicou à memória gráfica mineira. Trata-se de uma revista de existência longa, vinte anos de circulação, com importante material literário, noticioso e fotográfico, que a tais pesquisas serviram e, antes de esgotá-la, convidam para novos olhares.

Dito isso, a revista *Bello Horizonte* é aqui discutida a partir de representações de lazer veiculadas em singulares e importantes espaços da revista: nas capas, espaço da identidade da revista; as crônicas, sua importante dimensão literária; e os anúncios, como o negócio que a mantém.

Lazer, esporte e feminilidade nas capas da revista *Bello Horizonte*

A revista *Bello Horizonte* enquadra-se naquilo que Ana Luiza Martins (2008) descreve

⁶AZEVEDO, Letícia Silva. Momentos de distinção e alegria: representações de lazer e gênero na Revista *Bello Horizonte* na década de 1930. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Orientadora: Flávia da Cruz Santos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/81647> . Acesso em: 13 ago. 2025.

como “sedutoras revistas de época”, para dizer das revistas que se propunham a ser o espelho da moda, utilizando recursos como letras de formas e fotografias focalizando variedades dispostas de maneira estrategicamente hierarquizadas e folhetinescas. A revista Bello Horizonte se enquadra nessa leitura de contos, notícias, reportagens, anúncios, fotografias e ilustrações.

Joaquim Nabuco Linhares, colecionador de impressos nos primeiros anos da capital mineira, guardou e catalogou tal revista, caracterizando-a dessa maneira:

Com igual nome, já tivemos várias publicações, mas só esta em forma de revista (...) Em grande formato, 28 x 18,5, iniciou sua carreira em 19 de agosto de 1933. Posteriormente, foi esse formato reduzido para 24 x 16, assim se conservando até desaparecer. Bello Horizonte contava com selecionada colaboração e desenvolvido serviço fotográfico. Mantinha todas as sessões próprias de uma revista moderna, como literatura, esportes, mundanismo, variedades, humorismo, modas, crônicas, arte, etc. O número 194, que supomos ter sido o último publicado, é de fevereiro de 1953. Formato de 23,5 x 15,5. (Linhares, 1995, p. 307).

Para visualizar essas características da revista apresento abaixo duas imagens.

Figura 1 - Dimensões físicas e gráficas da revista



Fonte: BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 24 fev. 1934, p. 14; BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, capa.

Na primeira, há uma leitora e também foliã do carnaval da cidade fotografada com a revista em mãos, afirmando a presença do periódico nas festas da cidade. Essa foto permite visualizar o tamanho desse formato de 28cm x 18,5 cm. A segunda, por sua vez, é a capa de aniversário da revista de 1939, seu 7º aniversário, que se constrói como uma retrospectiva das capas anteriores das edições comemorativas de aniversário. O conjunto das imagens visa mostrar os aspectos físicos e gráficos da revista.

As capas foram majoritariamente confeccionadas pelo estilo capa-pôster, o qual se define pela predominância da imagem na capa em detrimento de resumos ou chamadas do conteúdo da revista. (Costa e Braga, 2019). Esse foi um estilo que surgiu em 1890 e se estendeu até a década de 1960, e concede mais liberdade aos artistas, os chamados “capistas”. (Costa e Braga, 2019). Tais capas refletiam os avanços técnicos das artes gráficas publicitárias que veiculava na imprensa. Na segunda imagem acima há um caleidoscópio delas e, para a discussão deste texto, destaco as capas de 1935 e 1937, as quais são aproximadas na imagem a seguir.

Figura 2 - Mulheres esportistas na capa da revista Bello Horizonte



Fonte: BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, capa.

Em tais capas são representados os corpos femininos em atividades de lazer vinculadas ao contexto esportivo. A modalidade selecionada foi aquela que era compreendida como ideal para as mulheres: a natação.

O esporte era prescrito como parte da educação feminina nas primeiras décadas do século XX, “dado que sua prática poderia possibilitar o desenvolvimento orgânico e social das mulheres, tornando-as mais fortes, saudáveis e aptas para os desafios de uma sociedade que se modernizava a passos rápidos e empolgantes.” (Goellner, 2009, p. 273). Para o corpo feminino, o esporte não era aconselhado em sua dimensão competitiva, a finalidade era atender aos desígnios femininos de então: beleza e saúde visando a garantia do que se compreendia como o papel feminino, qual seja a maternidade. Dessa forma, as representações femininas em contextos esportivos na revista Bello Horizonte (Azevedo, 2024), bem como em outros periódicos de diferentes lugares do país (Devide, 2004) construíram imagens que ocultavam a dimensão

competitiva e mostravam graciosidade.

Essa discussão se verifica nas imagens das capas destacadas acima. Na capa da revista do ano de 1935, a ilustração destaca, em maior medida, a prática esportiva, valendo-se de elementos como: meias próprias, cabelos cobertos por touca de natação e maiô. O lugar onde a figura feminina está é relevante: a ponta do trampolim pronta para pular. A mulher é desenhada com seus braços para trás como se fosse fazer o impulso do salto no instante seguinte, ou seja, é representada na prática do esporte. Já a ilustração da capa do ano de 1937 o contexto esportivo é menos detalhado do que na capa anterior, a mulher está vestida com um maiô e está em pé em um pódio, são os únicos elementos que a vincula ao contexto esportivo. Seus cabelos estão soltos. Seu tronco está inclinado para frente, mas não para um salto na piscina, ela carrega, com esforço e satisfação - tendo em vista seu corpo inclinado e seu sorriso no rosto, respectivamente - a grande e, aparentemente, pesada marca de 05 anos da revista Bello Horizonte. Na imagem, o movimento das pernas da mulher não sugere a sustentação necessária ao seu tronco que se inclina e seus braços que sustentam a placa, sugerem graciosidade. A perna e o pé direito estão levemente inclinados, o que não favorece movimentos de força, mas serve como signo de delicadeza.

Em tais capas tanto é possível visualizar o periódico em discussão, quanto suas representações de lazer e implicações de gênero. Continuo com as crônicas.

O lazer como cenário da vida urbana nas crônicas da revista Bello Horizonte

A revista que se vendia como “literária e noticiosa” tem a sua dimensão literária como parte significativa do seu conteúdo. Neste formato, o lazer é lido nos textos dos comentaristas da vida urbana. Aqui analiso duas crônicas, as quais, com suas situações particulares, dizem dos modos de ser que se almejavam na nova capital de Minas Gerais.

Veiculada na movediça seção “Chronica da Metropole”, há a crônica de Alvares de Oliveira, “Junho, o mez que torna o Rio Brasileiro...”. Ainda que o texto focalize a cidade do Rio de Janeiro, ela foi publicada com destaque na revista mineira, uma vez que Belo Horizonte, como moderna capital que aspirava ser, espelhava-se na capital federal de então buscando suas referências.

Gostamos de te ver, Rio, sob o influxo divino do Inverno... Apesar de haver quem diga que estás mais dentro de ti, mesmo, na Primavera e no Verão; que és mais brasileiro com as tuas praias lindas e extensas repletas de mulheres bellas no semi-nudismo provocante e arrebatador; de homens que mostram os seus musculos salientes, e que demonstra a mocidade moderna educada á americana, achamos por isso tudo mesmo, que tu, Rio, sob o influxo do Inverno, em pleno mez de Junho, és muito mais brasileiro! (...) Rio, tu és mais brasileiro no mez de junho porque cobres o teu corpo com chita e

calça teus pés com as simples sandalias... E's mais brasileiro assim do que quando tens a pelle tostada pelo sol tropical e descobres o teu corpo na semi-nudez das praias... Não te achamos brasileiro quando te desnudas, quando fumas e bebes e jogas nos casinos... No Verão e na Primavera, quando as praias se enchem das filhas de Eva quasi nuas... a brasilidade está longe. Só vemos de brasileiro a extensão das praias, a beleza do céu, a infinidade do mar... Os arranha-ceos e as mulheres nuas não podem ser brasileiras... Por isso, quando Junho se nos vesti com seu frio, obrigando-te, Rio-encanto a te vestir, vemos nesta estação mais brasilidade.⁷

Na crônica, o autor critica as mudanças trazidas pela modernidade e urbanidade focalizando as vestimentas. As roupas de verão são censuradas ao serem tratadas como um escandaloso nudismo protagonizado pelas “filhas de Eva” - essa personagem feminina de inspiração cristã que condensa em si a característica da desobediência. As mulheres desobedecem à moralidade, essa constituída na relação entre o tradicional e o moderno, ao irem à praia e descobrirem seus corpos ao lado dos homens que também abandonam o paletó mostrando a pele, sob músculos desenvolvidos, tostada pelo sol.

As mulheres estavam vivendo um processo de encurtamento das suas saias na sociedade em geral. Carmem Soares (2011) mostra que a partir da década de 1920 houve mudanças consideráveis nas vestimentas femininas, tanto o encurtamento das saias, bem como a substituição dos pesados tecidos por alternativas mais leves e transparentes e, ainda, o corte considerável dos cabelos na altura da nuca que outrora foram longos e ajeitados em complexos penteados. Tais mudanças respondiam às demandas de uma sociedade que passava a se orientar pelos valores da modernidade, que incluíam higiene e movimento.

Na Belo Horizonte de 1930 isso também se verifica. Na fotografia abaixo, a revista Bello Horizonte divulgou mulheres em movimento pelas ruas da cidade, seus vestidos são mais curtos e justos ao corpo, bem como o cabelo junto à nuca. O movimento é elemento importante na vida urbana moderna e a moda apregoava isso.

⁷ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 mai. 1937, n. 83, p. 16.

Figura 3 - Mulheres caminhando pela Avenida Afonso Pena



Fonte: BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, n. 21, p. 21.

Outro importante cronista na revista, Djalma Andrade, publicou versos a respeito dessas mudanças de vestimentas e de hábitos femininos. A ilustração que acompanha o poema também é um texto relevante para essa discussão.

Figura 4 - As meias, as pernas e a diversidade feminina.

ELLES € ELLAS

MEIAS E PERNAS...

QUARESMA!... MORENA BOA,
VAMOS REZAR UMA PRECE:
SI LA' NO CÉU DEUS PERDOA,
NA TERRA TUDO SE ESQUECE...

QUARTA-FEIRA!... FOI-SE A FESTA,
QUE SAUDADES, MEU JESUS!
FIZESTE UMA CRUZ NA TESTA,
POR DEVOÇÃO, BEIJO A CRUZ...

VOLTAM, DE NOVO, AS MENINAS
PARA OS SEUS "FLIRTS" NORMAIS...
SEM MEIAS, VEJO GRÁ-FINAS
DE PERNAS ESCULPTURAIS...

PERNAS MYSTICAS, ESCURAS,
FINAS, DELGADAS, DISCRETAS,
— MENU PARA AS ALMAS PURAS,
PARA O JEJUM DOS ASCETAS...

DE ELEGANCIA E FORMAS VARIAS,
DE CONTORNOS DESIGUAIS,
PERNAS GROSSAS, PROLETARIAS,
— MANJAR PARA CANNIBAS...

PERNAS TORTAS, DESHARMONICAS,
CHEIAS DE NOBRES INTENTOS,
REFORMADORAS, CANONICAS,
QUE AFASTAM MÃOS PENSAMENTOS...

PERNAS PLEBEAS, TURONAS,
CHEIAS DE GOMOS E NÓS,
MAIS FORTES DO QUE AS COLUMNAS
DOS TEMPLOS DOS PHARAÓS...

FIZESTE BEM EM DEIXALAS
SEM MEIAS... QUEM AS DESEJA?
POIS SI NINGUEM QUER BEIJALAS,
POR PIEDADE, O VENTO AS BEIJA...

E' MODA. BONITA? FEIA?
NINGUEM NO ASSUMPTO SE METTE:
O QUE EVA POUPA NA MEIA,
GASTA EM LAMINAS GILLETTE...

Galina Andrade

EM 5 MINUTOS APENAS
vosso cheque será pago na Caixa Econômica
Federal — Expediente das 11 às 15. Garantia
Pelo Governo Federal.

Rua Tupynambás - 462



Fonte: BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mar. 1939, p. 05.

Na ilustração, a mulher está trajando o pequeno chapéu sob seus cabelos curtos. Seu vestido é particularmente interessante, é representado em movimento, ainda que ela esteja parada, e tal desobediência à física é aqui interpretada como uma estratégia discursiva que visa mostrar quão leve deveriam ser os tecidos modernos e, ainda, destaca-se o comprimento do mesmo, o qual desnuda as pernas, tema do poema publicado. O autor parece escrever após

caminhar pela cidade, ao ver as mulheres em movimento no possível contexto do footing⁸ para onde “Voltam, de novo, as meninas/ Para os seus “flirts” normaes.../ Sem meias, vejo Grã-finas/ De pernas esculturaes.”⁹ No contexto do poema, as meninas voltam do carnaval, voltam de um momento cujas moralidades se flexibilizam e outras expressões são possíveis, estando no período quaresmal, tempo da volta da normalidade e vigilância das moralidades. Nesse contexto, o cronista chama a atenção para uma mudança: a normalidade constituída pela continuidade da nudez das pernas femininas. Elas não se restringiram às possibilidades de “anormalidades” do carnaval, entram também no período quaresmal e assim se fazem normais. As ditas “filhas de Eva” de Alvares de Oliveira, também se fazem presentes nas avenidas da capital montanheza, ao deixarem em casa suas meias.

Na última estrofe, há um questionamento cuja dificuldade em responder reforça essa normalidade: “É moda... Bonita? Feia?/ Ninguém no assumpto se mette:/ O que Eva poupa na meia,/ Gasta em laminas gillette...”¹⁰ Mais do que moda, mais do que bonita ou feia, mais do que moralmente bom ou ruim, fato é: as pernas circulam nuas pela avenida. A opinião do autor é condenatória ao dizer que as pernas sem meias são as pernas das filhas de Eva, são as pernas das desobedientes meninas e mulheres que nessa nova modernidade tem seus corpos expostos ao ar, ao caminhar, ao transitar, não apenas nas praias, mas também nas avenidas dos requeridos modernos centros urbanos.

Se é bonita ou feia, a resposta oscila entre fatores que complexificam a categoria mulher: idade, condições econômicas, posição social. Se são grã-finas, possuem pernas deslumbrantes, se são advindas das camadas populares ou mais velhas, são pernas descritas por deformidades, como cheias de nós, tortas ou desarmônicas. Para além dos elogios ou das represálias, ou mesmo uma moda, é um novo normal experienciado por uma diversidade de mulheres que frequentam as praias e as avenidas.

Seguindo com as representações de lazer no formato das crônicas, o texto do cronista de nome Jair Silva intitulado “A decadência das barraquinhas” fala de mais uma mudança na cidade de Belo Horizonte:

⁸ Prática de lazer muito popular nos primeiros anos do século XX, que consistia em uma caminhada lenta e elegante pelas avenidas, parques e praças da cidade com o intuito de ver e ser visto. De um lado passavam as moças da cidade, enquanto do outro estavam os moços a observá-las, objetivando admirá-las e cortejá-las. Na dissertação (Azevedo, 2024) o footing é melhor analisado e detalhado, já que foi uma das práticas de lazer que a revista construiu interessantes representações.

⁹ BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mar. 1939, p.5.

¹⁰ Idem.

Quando cheguei a Belo Horizonte, usava-se ainda a festa de barraquinhas. Era elegante. Nas barraquinhas é que me mostraram as moças mais importantes da cidade. Ser “vendeuse” era sentir talvez uma emoção maior do que a de levar um vestido novo a um baile do Automovel Club. Hoje, o Automovel Club, que não possui automoveis, e o Jockey Club, que tem apenas um ou dois cavalos, cujos nomes não devo dizer, já venceram as festas de barraquinhas. As moças mais bonitas, isto é, as mais importantes, vivem agora nos bailes. Ha muito tempo, as barraquinhas estavam em decadencia. Já as meninas da alta sociedade haviam deixado de anelar os cabellos, á moda Muquirana, e de vestir uma fantasia, para vender cerveja e guaraná, em beneficio das igrejas em construções. Namorar uma “vendeuse” de barraquinha era um luxo só ao alcance de poucos rapazes. E quando se anunciava uma festa, era grande o numero de candidatas ao lugar. Muita gente queria trabalhar na barraquinha. As mães iam espiar de longe as filhas, admirando-as nos seus vestidos cor-de-rosa e nos seus aventaes brancos.¹¹

O autor não especifica quando foi a sua chegada à cidade, mas conseguimos inferir esse momento a partir da dissertação de Fernanda Viana (2024), a qual cita a realização de festas beneficentes com barraquinhas em prol da construção das igrejas, orfanatos e eventos de caridade organizados pelas senhoras e senhorinhas das camadas sociais privilegiadas, durante a década de 1910 no Parque Municipal. Também durante a década de 1910, Kellen Vilhena (2008) identificou as festividades com barraquinhas no Parque Municipal e na Praça da Liberdade. Anos depois, o autor escreve com os pés em uma cidade cujas igrejas já foram levantadas e edificações adjetivadas como majestosas e modernas, como o Automóvel Club, o Jockey Club, o cinema Glória, o Minas Tênis Clube e outros, já estavam funcionando como o reduto da elegância e diversão.

Abaixo continuo com a análise do conto a fim de discutir como o lazer é atravessado por demarcadores sociais.

Abandonadas pela alta sociedade, as barraquinhas passaram a ser a felicidade das meninas mais humildes e mais pobres dos bairros. E, no namoro proprio daquellas festas, o bacharel e o medico foram substituidos pelo soldado e pelo guarda-civil. Está claro que o soldado, dispondo de mais poder do que um bacharel fará prevalecer, com maiores vantagens, o seu prestigio de namorado. Elle governará a mulher com maior autoridade e com maior violencia. E - o que é mais importante afastará a concorrência com a força que o Estado lhe dá. Um amigo meu, de Villa Paraopeba, ficou ha tempos impressionado com os soldados de policia de Belo Horizonte. O meu conterraneo, que é fazendeiro, soffreu aqui uma serie de enganos. Ao notar, por exemplo, que muitos homens varriam a Avenida, como si tivessem pressa, o homem de Paraopeba desejou saber si no dia seguinte haveria procissão. Depois, começou a notar que os soldados de policia passavam, de vez em quando com uma mulher pelo braço, e os dois discutindo. Prendem muitas mulheres por aqui? - perguntou o fazendeiro. Essas que vão ali estão presas? Que fizeram ellas? O engano de que foi victima o meu amigo é expressivo. Elle notou que apenas os soldados e os guardas-civis conduziam pelo braço as mulheres. Expliquei-lhe que os militares são diferentes de nós outros, os paisanos. O soldado é mais carinhoso. E tem mais pressa, por causa da sua hora de recolher ao quartel. Não só o meu conterraneo que estranhou o bellissimo coração dos homens de farda. Outro dia, ao terminar a sessão do cinema Gloria, era a propria

¹¹ BELLO HORIZONTE. Belo Horizonte, 11 mai. 1936, p.4.

esposa de um medico que lhe dizia: - Invejo a sorte daquela empregadinha. Veja como o namorado tem carinho com ella. E você fica sempre de longe. Nem me segura pelo braço. Parecemos dois desconhecidos. - Namorado? Você acha que aquillo é namoro? - Seja lá o que fôr. A verdade é que a mulher de um soldado de policia é mais feliz e mais estimada do que eu.¹²

O cronista mostra que as barraquinhas continuaram a ser um espaço de lazer na cidade de Belo Horizonte, sendo assim, em que medida a palavra “decadência”, que nomeia a crônica, é empregada? Há, nesse texto, uma tensão de classe, de forma que os espaços de lazer que não são do uso ou preferência das elites são desconsiderados como tal, são vistos como espaços vazios e “decadentes”. Contudo, apesar da diminuição da frequência das elites às barraquinhas - preferindo seus espaços exclusivos de lazer, como os supracitados - essas continuaram a acontecer com a participação de sujeitos que são descritos diametralmente opostos: ao invés das senhoras e senhorinhas, as empregadas domésticas; ao invés dos médicos e bacharéis, os soldados.

Tal diferenciação é lida nas profissões e nos supostos respectivos modos de ser. O soldado tem pressa, ele precisa prestar contas ao quartel. O soldado tem sua autoridade reconhecida na força física, o que se soma aos ideais de masculinidade em voga na época, e é tida como parte da sua identidade e condutora de suas ações, funcionando como justificativa plausível para sua atitude violenta para com as moças de suas relações, em uma sociedade e tempo em que a misoginia era a regra. O médico, por sua vez, transita pela cidade pelos endereços mais chiques, como o cinema Glória, e sob seu olhar a relação da “empregadinha” e o soldado não é creditada, é maliciosamente posta em cheque.

As personagens femininas também são diferenciadas em classe e a oposição entre elas não se dá a partir de suas profissões, mas sim a partir da relação que possuem com os personagens masculinos, dessa forma, de um lado está a “namorada do soldado”, e de outro a “mulher do médico”. A primeira tem sua profissão pejorativamente destacada, ela é a “empregadinha”. O trabalho, vale lembrar, é uma conquista para certa parcela da diversa categoria “mulheres”, a saber as brancas e de classe média e alta, cuja entrada no mercado de trabalho foi parte do projeto de emancipação feminina. Contudo, o trabalho sempre foi uma realidade para a maior parte do público feminino que por diversas razões e estratégias estiveram em busca da subsistência, muitas vezes marcada pela precariedade e informalidade que caracteriza os trabalhos domésticos e outras frentes de trabalho protagonizadas por mulheres.

A namorada do soldado passa pelo cenário em passos rápidos e alvo de uma violência física, é arrastada; já a esposa do médico sai do cinema mais chique da cidade, o Glória, sem

¹² Idem.

preocupação com o tempo cronológico, bem como não é arrastada, contudo é alvo do descaso do seu marido que não a conduz pelo braço. De um jeito ou de outro, são mulheres que vivenciam o lazer urbano, ainda que ocupem diferentemente as ruas, nelas se fazem presentes. E, cabe ressaltar, não de maneira passiva. A namorada do soldado passa discutindo, a sua voz, de alguma maneira, é dita. A esposa do médico tem sua voz descrita, ela reclama para si atenção e carinho, até relativizando os comportamentos afetivos daquela que ela chama de “empregadinha” em prol do afeto que lhe falta.

Ainda sobre esse texto há o estratégico personagem “fazendeiro”. Ele é o personagem que sustenta a dicotomia entre campo (atraso) e cidade (modernização). Seu entendimento deslocado do cuidado urbano - que de acordo com o texto necessitava de muitos homens para varrer aquela que no momento era a maior e mais importante Avenida, a Afonso Pena - como preparativos para procissões, demonstra uma visão de mundo avessa àquela que se cultivava na capital, mostra uma proximidade maior com a religiosidade. O fazendeiro também se confunde ao presenciar cenas dos novos contatos afetivos entre homens e mulheres e os interpreta de maneira oposta, como prisões. Para ele, uma mulher que discute com o homem só poderia acontecer em casos excepcionais, como o extremo de uma prisão. As ingenuidades atribuídas ao personagem revelam dois aspectos: a capital como o centro irradiador de transformações e novos costumes; e a hierarquização dessa frente ao campo, esse último entendido como espaço de tradição e de códigos morais mais enrijecidos. O fazendeiro, portanto, é o personagem que representa o atraso que confirma a modernidade da capital.

As duas crônicas discutem as mudanças na cidade na década de 1930. Reclamar das pernas femininas desnudas pelas praias e nas ruas da cidade, é dizer das mudanças dos costumes, das possibilidades do novo feminino nessa sociedade moderna que pede movimento; do mesmo modo, reclamar da decadência das barraquinhas é dizer de uma cidade que estava se desenvolvendo em uma perspectiva segregacionista, construindo novos edifícios, recebendo novidades tecnológicas e outras possibilidades de diversão, mas de maneira a aprofundar os distanciamento sociais, construindo lugares de lazer cujo acesso é condicionado às condições financeiras e pertencimentos sociais. O que se elogia e o que se critica revela as condições e aspirações da revista e, sobretudo, da sociedade em análise.

O lazer anunciado: bares, sociabilidade e distinção na revista Bello Horizonte

Na revista encontram-se diversos anúncios de casas comerciais, produtos, indústrias e serviços. Isso porque a imprensa moderna é essencialmente comercializada, de acordo com

Jürgen Habermas (2014,) ela torna-se uma instituição cuja agência é limitada a determinados indivíduos que dispõem de recursos financeiros e políticos para veicular seus interesses que são privados e privilegiados. Nas edições de aniversário, Augusto Siqueira não esquece de agradecer ao que ele chama de “amigos anunciantes”, saudando essa relação que garante que a sua “querida revista”, seja também seu bem sucedido “querido empreendimento”.

Os anunciantes procuram por espaço na imprensa visando a amplitude da visibilidade da sua marca, produto ou serviço. Para atingir o objetivo de ganhar notoriedade no cotidiano da cidade e efetivamente gerar o resultado esperado que é a venda, os anúncios precisam ser construídos de maneira alinhada às referências culturais e morais do público e sociedade para o qual se dirigem. Dessa forma, os conteúdos revelam aspectos culturais, morais e sociais que são partilhados no tempo/espaço de sua produção e veiculação.

Para essa discussão trago anúncios referentes aos bares, com o intuito de analisar como esses espaços são adjetivados, buscando compreender as representações dessa que é mais uma das possibilidades de lazer na cidade.

Figura 05 - Lazer nos anúncios: os bares como possibilidade



Fonte: BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 10; BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, p. 07; BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 jun. 1934, p. 28.

Nos anúncios, o Bar Brasil¹³ convida os cidadãos não apenas para o consumo de seus gêneros alimentícios - chopp, refrescos e outros aperitivos - mas para uma sociabilidade adjetivada como “chic e aristocrática”. Mais do que um convite, o anúncio tanto almejava a venda de um serviço, como também a prescrição de um jeito urbano de ser, que se traduzia pelas ideias higiênicas e de uma modernidade que transitava tanto pelo cultivo de um certo tradicionalismo, expresso nos valores aristocráticos, quanto pela ideia do novo, como o jazz e o cinema.

¹³ Foram selecionados para esse texto apenas os anúncios do Bar Brasil, o qual foi o bar mais anunciado pela revista, outros bares como o Tip-Top também aparecem, mas em termos de frequência o Bar Brasil é dominante.

Os anúncios inscrevem o bar no contexto das diversões modernas da época, que vivenciava possibilidades de lazer mediadas pelas novas tecnologias, como a iluminação elétrica, o cinema e o Jazz. Assim, o Bar Brasil se colocava como parte da cidade, no anúncio ele é aconselhado como a próxima parada na trilha de diversões das “pessoas chics, elegantes, famílias distintas, gentlemen.” De acordo com essas descrições, os recém saídos do cinema Glória, o médico e sua esposa da crônica acima, estariam convidados para o aristocrático Bar Brasil. O anúncio oferece o bar como um ambiente composto por “Alegria - Luz - Conforto - Flores e Distinção”, mas com a ressalva de ali não extrapolar, procurando manter os modos de ser que garantissem aos seus frequentadores a cartilha moral exigida a partir da insígnia da elegância, para tanto, fazem uma ressalva que se repete em vários anúncios do Bar Brasil: “Rigorosamente Familiar.” Dito isso, a partir das descrições e prescrições de seleção do público, o soldado e a “empregadinha”, por sua vez, não estariam convidados. A segregação social também é anunciada, é prescrita.

O bar como uma possibilidade de lazer faz-se presente na revista também nas imagens.

Figura 06 - Lazer nos bares da capital



Fonte: BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 27; BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 27

A primeira imagem trata-se de uma ilustração veiculada na capa da revista e, num primeiro momento, a cena é caótica, a desordem está nos cigarros no chão, no forro da mesa desalinhado e no copo virado. Contudo, há sim um ordenamento, os homens ainda estão em perfeitos e elegantes ternos, portando seus longos cigarros, em uma camaradagem entre eles que não desconfigura a sofisticação. A elegância masculina, expressa no uso dos ternos, foi preservada.

A segunda imagem, uma fotografia, por sua vez, também traz uma cena com alguma desordem, as mesas estão repletas de garrafas de cerveja e essas também são orgulhosamente levantadas por alguns dos homens em festa, há mais homens do que mesas e cadeiras, muitos estão ao redor, não há alinhamento, a desordem está na lotação do espaço que comporta a espontaneidade, a festa e a camaradagem de quem ali se faz presente e se aglomera em frente à câmera. Os alinhados paletós da ilustração não são encontrados com o mesmo esmero na fotografia, nesta, os homens no bar, por diferentes razões, flexibilizam o uso do paletó e até mesmo o uso das gravatas. Os ternos, ao contrário da ilustração, estão desalinhados na fotografia. Contudo, um elemento permanece, tanto na ilustração quanto na imagem, a camaradagem entre os homens, que conversam, bebem, se abraçam e vivem um momento de maior fluidez afetiva. Essas representações atribuem ao bar a condição de um espaço de informalidade, relaxamento corporal e fruição dos laços afetivos entre os amigos, dimensões que os anúncios sozinhos não conseguem mostrar. Na descrição dos anúncios, o ambiente “aristocrático” e “rigorosamente familiar” não deixa ver os ternos desalinhados, as mesas abarrotadas e a aglomeração de amigos e abraços. Os diferentes registros, quando confrontados entre si, mostram a complexidade que rege os espaços e a sociedade.

A fotografia não foi veiculada no formato de um anúncio, ela foi publicada de maneira avulsa, não em uma sessão específica, mas como notícia sobre os acontecimentos sociais da semana que a revista julgou digna de nota. Abaixo da imagem, a revista assim relatou:

O sr. José Andrade Netto, revendedor da afamada cerveja Hanseatica, reuniu a 11 do corrente, no Bar e Restaurante Garibaldi, grande numero de pessoas de suas relações de amisade, offerecendo-lhes uma encantadora festa, que transcorreu num ambiente da maior cordialidade. (...) Foi servido aos presentes um succulento jantar, em cujo cardapio tiveram papel saliente a macarronada e o frango cheio. O numero principal do “menu” foi, entretanto, a saborosa cerveja Hanseatica, que regou abundantemente o agape, durante meia hora de alegria e camaradagem. (...) Esta pagina de BELLO HORIZONTE reproduz um expressivo aspecto da festa de amisade realizada a 11 do corrente, no Bar Garibaldi. A Hanseatica foi entusiasticamente festejada nessa reunião de amigos durante a qual nao foi tambem esquecida a deliciosa cerveja Pilsener, umas das victoriosas marcas da grande fabrica Hanseatica, cujos productos são todos manipulados com a privilegiada agua da serra da Tijuca.¹⁴

Apesar de tal publicação não ter sido construída no formato anúncio, elementos do texto-imagem destacam um produto festejado: a cerveja da fábrica Hanseática. No trecho: “O numero principal do “menu” foi, entretanto, a saborosa cerveja Hanseatica, que regou abundantemente o agape, durante meia hora de alegria e camaradagem”, adjetiva a cerveja como deliciosa e, ao fazê-lo, a propaga, a vende para seus leitores. Em outras páginas da revista tal cerveja tem seus

¹⁴BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 27

anúncios devidamente publicados. Contudo, o formato dessa notícia enquanto coluna social é relevante, pois o que a revista está divulgando é, antes do produto, o “progresso” pelo qual a cidade estava alcançando, traduzido no funcionamento das fábricas e funcionários, divulgando e celebrando, portanto, o suposto progresso industrial almejado. A “meia hora de alegria e camaradagem” registrada na fotografia, talvez não seja uma marcação temporal literal, mas sim uma expressão para dizer de uma sociabilidade que acontecia entre as horas de trabalho e a volta para casa, pois provavelmente elementos da fotografia, como as várias garrafas de cerveja já consumidas e os paletós desalinhados, não tenham se desenvolvido dentro de apenas 30 minutos.

A análise entre essas duas imagens referentes ao bar, como uma das possibilidades de lazer disponíveis e prescritas pela revista, destaca um outro relevante ponto: o bar como espaço de pertencimento e de sociabilidade masculina. Em meio aos elementos que compõem as imagens, já mencionados, está a ausência das mulheres. Na revista as mulheres também tinham oportunidade de encontrar suas amigas e pessoas de suas relações em espaços públicos da cidade, mas em sorveterias e restaurantes (Azevedo, 2024), os bares eram veiculados como majoritariamente de frequência masculina.

A ilustração da capa, por sua vez, traz de alguma forma a figura feminina ao cenário do bar. A mulher não está presente no bar, mas sim na imaginação dos homens que ali bebem, fumam, jogam cartas e conversam, ela é o assunto entre eles. A ilustração feminina é construída com o uso de duas cores, o preto que faz o contorno da figura e está presente na maior parte do desenho e o emprego estratégico da cor vermelha, a qual está nos cabelos e nos lábios da mulher. Sua expressão demonstra sensualidade ao ter seus lábios desenhados em movimento de beijos, ao contrário da discrição sexual que é exigido das mulheres pela moralidade cristã e tradicional em voga. Seus cabelos não são curtos e lisos ou cacheados rente à nuca, como era a moda dos anos de 1930. Comparando o cabelo dessa mulher com as fotos e ilustrações acima apresentadas, percebe-se uma significativa diferença, vê-se que o artista a desenhou com cabelos crespos, a racializando. Ao aproximar o cabelo e os lábios com a destacada cor vermelha - que muitas vezes é associada à afetividade romântica - o artista utiliza do estereótipo da mulher negra hipersexualizada e disponível aos desejos masculinos. É essa a presença feminina tida como possível nesse espaço predominantemente masculino.

Em suma, a revista, em seus espaços reservados à publicidade, não vendia apenas produtos ou serviços, mas modos de vida. Nesse espaço do bar, a boemia preconizava a flexibilidade da elegância para dar espaço à espontaneidade, complexificando as descrições como “alegria, chopp, música, luz e distinção” que os anúncios prometiam, mas, sozinhos, não conseguiam mostrar. Mais do que comer e beber, nos bares da capital as pessoas, sobretudo os

homens, se encontravam para dizer das novidades do cinema, para celebrar seus feitos laborais, para compartilhar dos encontros e desencontros amorosos, e outras razões e possibilidades.

Considerações Finais

O periódico foi um empreendimento de um jornalista gaúcho que se estabeleceu na nova capital do Brasil republicano criando um material que divulgava narrativas de uma cidade em constante desenvolvimento e alinhada às expectativas de modernidade à época. Ao contrário das publicações revolucionárias que criticam o presente, mobilizam o passado e propunham mudanças e estratégias em um futuro a ser conquistado, a revista de Augusto Siqueira celebrava o presente, o representava como próspero, divulgava momentos, personalidades, planos e ações que se destinavam a legitimar a sociedade e seus atores em voga. Em tal material as práticas de lazer representadas foram adjetivadas como chiques, elegantes e distintas, como momentos que reforçam os valores dessa modernidade exclusivista e excludente. Contudo, vale dizer, que nessa revista da e para a elite, é possível se atentar aos detalhes e conseguir ler outras práticas e outros corpos, é possível ver uma Belo Horizonte maior do que a celebrada.

O artigo também buscou apresentar a revista Bello Horizonte como interessante fonte para se pensar a história da cidade de Belo Horizonte, na década de 1930, a partir das suas representações de lazer. Nesse texto, foram analisadas algumas capas, crônicas e anúncios, discutindo o ideal de modernidade apregoado e os diversos fatores que o questionam, como os elementos de classe, gênero e raça. Não se trata de uma fonte inédita, já serviu a algumas pesquisas, contudo, sua potencialidade para fomento de pesquisas futuras é relevante. Esse texto desenvolveu uma possibilidade de análise e convida para outros tantos debates que tal material é capaz de sustentar.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Letícia Silva. Momentos de distinção e alegria: representações de lazer e gênero na Revista Bello Horizonte na década de 1930. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Orientadora: Flávia da Cruz Santos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/81647>. Acesso em: 13 ago. 2025.

BARROS, Gelka Arruda. Para a família do Brasil: o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista Alterosa (1939-1945). 2018. 263 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSB69FW8/1/gelka_barros_tese_vers_o_final_para_biblioteca_com_ficha_catalogr_fica.pdf Acesso em: 21 ago. 2025.

CEDRO, Marcelo. Arte, Cultura e Sociabilidade na BH de JK (1940-1945). In: DIAS, Cléber; ROSA, Maria Cristina. (org.) Histórias do lazer nas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso da mídia. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, v.5, n. 11, jan/abr. 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010> Acesso em: 15 set. 2023.

COSTA, Yasmine Ávila Catarinozzi da. Design e Memória Gráfica Mineira: um estudo da revista Bello Horizonte (1933-1950). 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Design)- Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

COSTA, Yasmine Á. C.; BRAGA, Marcos C. O Design Gráfico das Capas da Revista Bello Horizonte nos Anos 1930. Blucher Design Proceedings ,v. 6, n. 4, p. 2334-2346, 2019. Disponível em: < <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/9cidi/5.0223.pdf> > Acesso em: 08 fev. 2024.

COTA, Leide Mara da Conceição. Rádio, educação e formação da identidade nacional: um estudo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1930-1945). 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AR5HD3> Acesso em: 21 ago. 2025.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 125-144, mai./ago. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2837>. Acesso em: 02 mar. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imagens da mulher no esporte. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (org.) História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 568 p.

GOMES, Christiane Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultural. Revista Brasileira De Estudos Do Lazer, Belo Horizonte, v 1, n.1, p.3-20, jan./abr.2014.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural na esfera pública: investigações sobre a categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LINHARES, Joaquim Nabuco. Itinerário da imprensa em Belo Horizonte: 1895-1954. (Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro) – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. (Coleção Centenário).

MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP, 2008.

MARTINS, Ana Luiza.; LUCA, Tania Regina de. Imprensa e cidade. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 135p.

MOTA, Andreza Gonzalez Rodrigues. Divirta-se quem puder: história e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Ilustrada, 1927-1928. 2018. 75 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-B76MK5>. Acesso em: 21 ago. 2025.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Orientadora: Regina Helena Alves da Silva. 2006. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6XTGT2> Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTOS, Flávia da Cruz. Contribuições Teóricas e Metodológicas da História Conceitual para os Estudos do Lazer. Licere, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 359-380, mar. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. Educação & realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SOARES, Carmen L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). Pró-posições, v. 22, p. 81-96, 2011.

SOUTTO, Sarah Teixeira Mayor. O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. 2017. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/letic/Downloads/ppgestudoslazer_sarahteixeirasouttomayor_tesedoutorado%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/letic/Downloads/ppgestudoslazer_sarahteixeirasouttomayor_tesedoutorado%20(3).pdf). Acesso em: 12 jan. 2026.

VIANA, Fernanda Moreira. Os divertimentos das mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte nos anos de 1920 a 1951. Orientadora: Maria Cristina Rosa. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/mBQo> Acesso em: 27 mar. 2025.

VILHENA, Kellen Nogueira. Entre "sãos expansões do espírito" e "sarrilhos dos diabos": lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922). Orientador: Tarcísio Mauro Vago. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FONTES

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 14 out. 1933, p. 10.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 22 dez. 1933, p. 27.

BELLO Horizonte, Belo Horizonte, 24 fev. 1934, p. 14.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, n. 21, p. 21.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 08 mar. 1934, p. 7.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 07 jun. 1934, p. 28.

BELLO HORIZONTE. Belo Horizonte, 11 mai. 1936, p. 4.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, 05 mai. 1937, n. 83, p. 16.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, mar. 1939, p. 5.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, set. 1939, capa.

BELLO Horizonte. Belo Horizonte, out. 1948, p. 34.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 5.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 5.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 05 out. 1948, p. 4.

NOTA DA AUTORA

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesse.

Histórico de Edição

Submissão: 13/01/2026

Aceite: 15/04/2026